

O QUE É A VOCAÇÃO DA CIÊNCIA DENTRO DA VIDA INTEIRA DA HUMANIDADE?

WHAT IS THE VOCATION OF SCIENCE WITHIN THE WHOLE LIFE OF HUMANITY?

Profa. Ma. Susana Vieira
Universidade Nova de Lisboa
susanatvieira@gmail.com

Resumo: Com o presente ensaio pretende-se entender a relevância do texto de Max Weber, *A ciência como vocação*, do ponto de vista específico das humanidades. Para o efeito, parte-se de aspetos muito concretos que, segundo o Autor, determinam a necessidade e a importância das ciências humanas na continuação do culto e da compreensão da complexidade do Homem. São detalhados aspetos, num breve percurso histórico, filosófico e literário, que, por um lado, diferenciam as humanidades das ciências exatas, e, por outro, as ressignificam no mesmo jogo em que são colocadas ante o Homem, seu objeto em perpétuo devir. Entre os vários argumentos, conclui-se que as ciências humanas procuram o sentido de a vida acontecer, assegurando algum do seu encantamento, sem o que o Homem afundaria em sua perplexa desumanização.

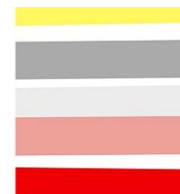
Palavras-chaves: Weber; ciência; vocação; acaso; homem.

Abstract: *This essay intends to understand the relevance of Max Weber's text, Science as vocation, from the specific point of view of the humanities. To this end, it is based on very concrete aspects which, according to the author, determine the necessity and importance of the human sciences in the continuation of the cult and the understanding of the complexity of Man. They are detailed in a brief historical, philosophical and literary course, which, on the one hand, differentiate the humanities from the exact sciences, and, on the other hand, re-signify them in the same game in which they are placed before Man, his object in perpetual becoming. Among the various arguments, one concludes that the human sciences seek the meaning of life to happen, assuring some of its enchantment, without which Man would sink in its perplexed dehumanization.*

Keywords: Weber; science; vocation; by chance; men.

Por exemplo: se as mãos se encostam a um objecto óbvio, deverão encostar-se de um modo estranho. Só o toque estranho no óbvio poderá trazer uma invenção coerente ao dia (TAVARES, 2004, p. 31).

Ao sair da caverna, que vi eu? Nada mais que não fosse a solidão, ela mesma. Pela primeira vez confrontava-me com a verdade da impessoalidade — poderia ser este um modo de ver as coisas.

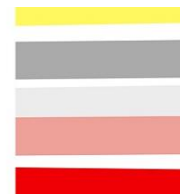


1 No início, a vocação

Do fim criamos um início. Mas da questão poderá ficar a não-resposta: “isto é simples e singelo, se cada qual encontrar o demónio que segura os cordelinhos da sua vida e lhe prestar obediência” (WEBER, s. d., p. 35). Ainda assim, o ensaio de Weber é de uma importância seminal. Manuel Villaverde Cabral refere-o nas palavras que servem de introito ao volume *Itinerários: A investigação nos 25 anos do ICS* (CABRAL *et al.*, 2008). Ao aperceber-se de que as qualificações — que devem definir um homem de ciência — de investigador e de docente estão longe de coincidir, coloca o dedo na ambiguidade original da vocação científica. Vocação/profissão ou algo entre elas. A docência tem sido a resposta possível à necessidade de legitimação social, privilégio de uma profissionalização e de condições individuais de sobrevivência, de uma vocação. Sendo considerada, por muitos, como um refúgio, poucos são aqueles, entre os homens de ciência, que conseguem, na função social da docência, conjugar à competência a qualidade pedagógica de transmissão do conhecimento de modo formativo e com prazer.

Weber a tudo se adianta, desdobrando a *vocação* entre a da ciência para a vida e a que se dirige para a prática da ciência ela mesma. A primeira é entendida como uma disposição para compreender e orientar a ação humana em si e para o/no mundo físico, também ele objeto de leitura analítica, na intuição de uma comunhão simbiótica. A segunda consagra o talento para somar com um *método*, próprio a cada campo do saber, o objeto focado, em toda a sua universalidade. Deverá ser a vocação de cada um a determinar o generoso contributo para a sociedade e a utilidade daquilo a que se dedica, sem renunciar, não obstante “a incompatibilidade dos possíveis pontos de vista derradeiros sobre a vida e, por conseguinte, a indecidibilidade da luta entre eles, portanto, a necessidade de entre eles escolher” (WEBER, s. d., p. 30).

Num pretérito menos-que-perfeito, a observação fenomenológica seria movida pelo desejo de conhecer e desmistificar o mistério, não se tendo previsto o processo de “desencantamento do mundo”, cujas premissas mantinham o homem religado, de modo primitivo e único, ao mundo físico. Entre as ciências humanas, assumia-se o homem como o objeto a ser estudado, na sua essencialidade, contemplando, para tanto, a imanente diversidade. O homem estudando o homem. Sujeito e objeto indistintos. O



comportamento humano, postulando-se em primeiras impressões interpretativas, seria, desde então, materializado objetivamente pelo estudo sistematizado de regularidades e desvios descritos a partir do ato e da relação no e com o mundo, embora consciente de se tratar este testemunho sempre de uma frase em perpétuo inacabamento. Sendo o pensamento o sujeito a determinar o comportamento, a análise não se poderia submeter a outro julgamento que não o de um alcance valorativo. Os conceitos criados para o efeito deveriam, doravante, ordenar a realidade do pensamento, garantindo, porém, a singularidade do seu recorte. Em todo o caso, a demarcação de cada área constitutiva do grupo das ciências humanas, denunciada por Weber, na sua insularidade deixa de apreender a completude do objeto que estima sob constante perscrutação.

Por seu lado, as ciências exatas acentuam a eficácia do seu programa direcionando-se exclusivamente para o mundo físico observado sem filtro e instrumentalizado, com o intuito de criar um resultado prático de consumo imediato, após verificação e demonstração inequívoca do processo. Apesar das diferenças de *método* — “um instrumento utilizável, graças ao qual qualquer um se pode instalar no torno da lógica e dele não sai sem confessar, ou que nada sabe, ou que esta [...] é a verdade eterna que, diferentemente das acções e das obras dos homens cegos, jamais passará” (WEBER, s. d., p. 16) — e de intenções, ambas as ciências manifestam a mesma inspiração racional e são insufladas pelas mesmas inclinações irracionais. Comprovemos.

2 A pessoa humana é muito complexa (HATHERLY, 1995, p. 92)

A cultura *humanitas*, inspirada por Cícero na defesa da preparação do indivíduo a manifestar-se e a afirmar-se plenamente na sociedade, faz renascer, entre os séculos XV e XVI, a relevância dos valores morais e estéticos decalcados das Escrituras, da doutrinação patrística e do classicismo greco-romano. No século XVII, o contexto histórico impele a uma mudança de estratégia, apostando também na formação das ciências matemáticas. Nessa época de indivisão celular, ambas concorriam, de modo comum, para a formação integral do homem, desperta que a sociedade se encontrava de que havia algo que as unificava: além do facto de ser o homem uma força inteira¹, elas

¹ “A grande música é uma coisa inteira. Como substância inexistente para a faca. Não se corta uma sensação em dois. A grande música é uma coisa inteira” (TAVARES, 2004, p. 24).



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA

sistematizavam-se de igual modo pela escrita, refletindo-se no outro pela expressão comunicacional. Mesmo que com gradações de inteligibilidade variando na sua forma. Ainda hoje, o pensamento empregado ou depreendido nos estudos elaborados pelos dois grupos é racionalizado recorrendo-se a esse mistério que as aproxima, a linguagem humana, a partir do qual estruturam tanto narrativas de tentativas anteriores ou factos garantidos, quanto *possibilidades não realizadas*, porém no limbo do quase. Conjeturas tocadas.

Esta latência é um dos modos de pôr em questão a aparente opacidade do real, mantendo presente a tensão entre o que é ou foi e o que não é ou não foi, mas poderia ter sido. E o espanto perante o que poderia ter sido, o desassossego que permite ver abismos onde aparentemente não há senão lugares comuns, são, evidentemente, fermento de utopia — e são um dos pontos em que é possível um encontro entre ciências exactas e Humanidades susceptível de perturbar decisivamente as evidências disciplinares de cada um dos campos (RIBEIRO, 2002, pp. 199-207).

Vários serão os momentos atravessados por esta tendência: desde um “equilíbrio sereno entre o ideal e o real, entre o espírito e a natureza” (SARAIVA, LOPES, 1996, p. 176) a “um sentimento perplexo de irrealidade em torno de figuras ou objectos minuciosamente observados” (SARAIVA, LOPES, 1996, p. 176), à “insinuação do suspenso ou inconsumado” (SARAIVA, LOPES, 1996, p. 176) ou a uma “incompreensibilidade radical ou labiríntica da vida” (SARAIVA, LOPES, 1996, p. 176). Posteriormente, por contaminações paralelas, os humanistas renascentistas, depurando o termo (*humanitas*) em todo o vigor que se fizesse acompanhante da exuberância do homem, semantizam-no, como forma cheia a conceituar o saber que pensasse o homem em exclusivo acordo com a liberdade de se abstrair do mundo pragmático, confluindo harmoniosamente com o plano abstrato, da intemporalidade e do deslocamento, existente em si. Porém, com a industrialização agrava-se a fragmentação do indivíduo que, em conflito com os seus desejos e deveres, cinde-se internamente, provocando o confronto entre os saberes e o crescimento da dissidência entre as ciências humanas. A evitar a implosão mais que certa do indivíduo, seria sensato contrariar *O mestre*, de Ana Hatherly, que “manda(r)[va] cortar esses braços que perturbam tanto o nosso caminhar no sentido da serenidade [...] acabar com essa água nocturna em que nos movemos com aqueles gestos primordiais” (HATHERLY, 1995, p. 92), e resgatar a unidade entre os diferentes

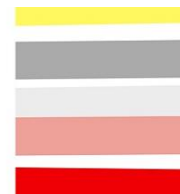


AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA

campos do saber, na certeza de que ambos os grupos se complementam, permeáveis à transversalidade de uma erudição em mote aberto, no decurso de uma transcendência também comum.

Depois de um percurso longo de conturbada redefinição dos limites instáveis do seu desenvolvimento, as ciências humanas reconhecem-se atualmente como o grupo que compreende a realidade humana sem a medir com esquadro, linhas retas ou figuras geométricas; aliás, em recorte do mesmo, “até as personagens geométricas respiram. A respiração numa linha recta é um acontecimento magnífico” (TAVARES, 2004, p. 29). Se vejo uma cadeira, objeto extremamente útil ao estado do cansaço, penso em sentar-me nela. É essa a finalidade para que terá sido planeada e realizada. Porém, a *humanidade* em mim, quando em momento menos egotista, leva-me a questionar se, além de mim, não precisará a cadeira de se sentar, cansada de carregar corpos; apercebo-me de que sou eu quem pega na cadeira ao colo e a embala, aprofundando a dúvida: era eu quem a olhava no início do exercício, ou era ela quem me procurava anteriormente? Se o que atenua o meu cansaço se resume a pousar o corpo em algum espaço sereno, precisarei de facto da cadeira? Continuará a mesma cadeira a ser um instrumento importante no meio do mar se o meu corpo se cansar de nadar? Quem vive sem uma cadeira, como descansa o corpo? Fecha os olhos? É o descanso um bem garantido a uma generalidade? Em que circunstâncias e por que razões? A partir do útil as ciências humanas refletem sobre a essência, o sentido, a realidade no outro. Observam o movimento do pensamento, em natureza da sua impermanência, torturado, desalinhado com o corpo que o respira. O corpo respirando o pensamento. Nessa liberdade, em que não se isolam a inspiração e a expiração, em que os músculos envolvidos ora se contraem, ora relaxam, em que a oscilação do ritmo não interfere como ruído, apercebemo-nos de que a existência humana, infinitamente metafísica, apenas pode ser medida por valores pensados e interpretados no âmbito mais alargado das ciências humanas, por meio das quais descemos da superfície da figura humana até ao que, no dentro dela, a abre a relacionar-se com o outro, no mundo. Dessa comunidade, percebe o homem a sua individualidade e, no prazer da primeira descoberta, desce mais fundo, sem receio de se perder.

Contudo, esteriotipando-se que um indivíduo formado em humanidades não estaria capacitado para exercer uma função societal digna, apela-se a um modelo de ensinamento mais utilitário, e mais centrado na univocidade e menos na dispersão



peçoal. A liberdade do homem adquire um contorno diferente, assumindo-se no seu domínio sobre a natureza cuja essência desmonta, pelo conhecimento concreto e inovador dos seus factos, não se pasmando mais ante a sua grandeza. Tornam-se indispensáveis a vocação e a paixão na renovada demanda das humanidades, sem ansiar um propósito imediatista, uma vez que, pela sua natureza imanente, a interioridade humana define-se por um inesgotável devir.

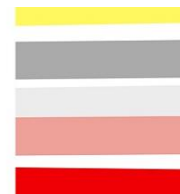
3 Um acaso incontrolável

Sem esta estranha embriaguez, ridícula para todos os que a contemplam de fora, sem esta paixão [...] não se tem vocação para a ciência [...] nada tem valor para o homem enquanto homem, se o não puder fazer com paixão (WEBER, s. d., p. 10).

Antecipando a solicitude do esforço do trabalho, na construção do conhecimento, somos deslumbrados pelo sagrado elemento impetuoso e desafeto da racionalidade imaculada, a paixão (ou vocação). A ela segue-se a inspiração, o caminho árduo por uma ideia. Sendo acasos incontroláveis, a paixão e a inspiração representam os elementos irracionais que estão, afinal, na origem de qualquer trabalho científico.

Na verdade, será sempre o acaso a determinar um destino mais ou menos bem-sucedido nas ciências, de um modo geral; por essa razão, apenas a vocação íntima de cada um concluirá em definitivo sobre essa aliança. A resolução da ciência está envolvida em fatores externos que movimentam os seus passos e ajuízam sobre o seu ritmo ou horizonte a atingir. Dependendo de investimentos, públicos e privados, sente-se obrigada a responder e a defender a sua necessidade perante a sociedade que dela exige mais do que o tempo de reflexão lhe permite. Entra-se num dilema de (a)ten[ç]são que causa efeitos indesejados — “No interior e no exterior existe um imenso abismo [...]” (WEBER, s. d., p. 4).

A ciência não é uma panela de pressão que aceita a cozedura simultânea de vários elementos sem relação prévia e calculada. O tempo de edificação da ideia ou de formalização de uma conclusão nem sempre se corresponde com o da sua duração, porquanto, e em razão de o pensamento humano não se cristalizar, o progresso antecipa-o e demole com escopro o argumento, o conceito, o plano, o vestígio condutor do presente, confrontando o homem com o único modo verbal que o acompanha — em



gerúndio sucedâneo.

Apenas a vocação poderá, de facto, dirimir os aspetos que materializam o acontecimento do acaso, “Pois nada tem valor para o homem enquanto homem, se o não puder fazer com paixão” (WEBER, s. d., p. 8). Imprevisões do humano.

Em todo o seu caminho, o homem da ciência tenta sobreviver ao eterno antagonismo entre a irracionalidade dos elementos quer impeditivos, por parte do acaso seletivo, quer instigadores, pela paixão que o consome — ingredientes da impulsividade, que não manipula, e que, não raramente, se descontrolam no ímpeto da defesa —, e a recomposição racional, por meio do *método*, com que ordena a ação do homem, numa intuição universal, evitando cair na decepção de uma narrativa *ficícia*. Invocando o artifício do panejamento exemplificativo, já Sísifo (CAMUS, 2016), desmentindo o natural e famélico instinto violento do homem e guarnece a ideia de um mundo racional, faz-nos refletir sobre a vanidade de atos absurdos aquando da sua expressão derradeira. O mito — sintetizando a ilusão de expansão do homem além de si — tornar-se-ia uma verdade de matéria inquestionável.

Pela ciência, procurando o sentido do espaço, do tempo, do ser que é, abre-se o homem ao outro e, nesse prisma irregular, alia, sem se adiar, a sua paixão à legitimação social, por meio da profissionalização, logo, da instantânea apresentação de resultados, já que “deve ter uma consciência clara de que a tarefa que o espera apresenta uma dupla vertente” (WEBER, s. d., p. 6). Deve, portanto, fazer coincidir o abismo em si.

Mas o acaso determina algo mais. À vocação íntima segue-se uma força inspiracional — “Se alguém tem inspirações científicas é algo que depende de um destino que nos está oculto” (WEBER, s. d., p. 10) — que promove os impulsos de uma ideia a ser moldada pelo esforço metodológico do trabalho, sempre com o objetivo de um bem comum, o de se desligar do seu autor e de se disseminar pela coletividade, fecundando visões novas sobre a forma de problematizar o homem: “toda a ‘realização’ científica significa novas ‘questões’ e quer ser ultrapassada, envelhecer. Quem pretende dedicar-se à ciência tem de contar com isto” (WEBER, s. d., p. 12). O homem é uma intimidade singular. Em face deste *pressuposto*, a ciência não pode empregar-se numa revolução para tentar esclarecer o homem, mas pode, cuidando do seu objeto com segurança, clarificar o sentido do seu acontecimento em cada rotação do mundo.

Na verdade, a *intelectualização* e a *racionalização* de todos os fenómenos com os

quais o homem se disputa em cadeia de uma reação, colidindo, interferindo ou assumindo, provocam o “desencantamento do mundo”, ao anularem a imprevisibilidade do que outrora surpreendia. O homem *domesticado* industrialmente senta o corpo cansado na cadeira, mas falta-lhe perceber como seria o mesmo corpo se não fosse forçado ao cansaço. O sentido desse contacto permanece indeterminado.

4 Quebrando o feitiço

Desde que Platão fez sair o homem do seu jogo de sombras infantil, o mundo progrediu no achamento do seu sentido, com o homem nele. Não serão as ciências naturais a “ensinar algo sobre o sentido do mundo ou [...] sobre o caminho no qual se poderia encontrar um vestígio desse sentido” (WEBER, s. d., p. 17). Nem as ciências humanas que, na tentativa de uma metodologia própria, conceptualizam o que se vai acumulando como sendo a verdade, jamais o conseguirão, na medida em que a morte continua um buraco sem sentido, desconhecendo-se o seu fundo ou se o tem: “como a morte carece de sentido, também o não tem a vida cultural enquanto tal, pois é justamente esta que, com a sua absurda ‘progressividade’ põe na morte a marca do absurdo” (WEBER, s. d., p. 14). A descoberta e compreensão desse sentido só é possível, numa perspectiva weberiana, de se encontrar na “única coisa que [...] não se vira afectada pelo intelectualismo, as esferas do irracional” (WEBER, s. d., p. 18). Embora as ciências humanas não tenham a chave que resolve o sentido intocado da morte, ensinam-nos a razão por que “não oferece ela ‘nenhuma’ resposta” (WEBER, s. d., p. 18), ou seja, a viver no passo suave que pensa sobre o não-sentido. Em passo suave, “*pianissimo*, puls(e)[ando] algo que corresponde ao que, noutra tempo, irrompia como pneuma profético, em fogo tempestuoso” (WEBER, s. d., p. 32). Não podendo “demonstrar se o mundo, que elas descrevem, é digno de existir, se tem um ‘sentido’ ou se tem sentido existir nele” (WEBER, s. d., p. 19), partem, por isso, de um *pressuposto* não verificável de modo lógico e limitado. E a ter um sentido, “como se deve ele interpretar, para que se torne possível pensá-lo?” (WEBER, s. d., p. 30). Como pedra isolada, o mundo só passa a significar algo logo após que o indivíduo o olha e sente a sua importância. Assim, a ciência. De outro modo, seria o homem a solidão de um lugar inóspito — a ciência, armadura oca sem corpo nela. A fonte inesgotável da irracionalidade é promissora de um



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



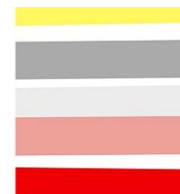
resultado maior, pois “Improvisar é obrigar-se ao Espanto” (TAVARES, 2004, p. 23), natureza dos incomodados, dos planeadores de futuros e perscrutadores do que está por baixo de, e atrás de, e ao lado de, e no escuro de. Na formulação das problemáticas, mais surpreendentes que tudo, aportam-se as soluções menos previsíveis e igualmente avassaladoras.

Se as ciências exatas registam a ação do homem no mundo, no âmbito dos limites que o determinam de modo legível, *i. e.*, enquanto ser de alcance finito que inscreve, no seu julgamento, a marca múltipla da sua passagem, por seu lado, as ciências humanas dedicam-se a compreender, sem manipular, “Uma anatomia metafísica: os dedos das mãos procuram o que não é material nos objectos” (TAVARES, 2004, p. 21). Aos dados quantitativos, respondem com a ininterrupta, porém, irresolúvel indagação, negando-se a circunscrever o homem numa temporalidade e num lugar esgotados de si, pois

As grandes questões metafísicas como o ser e o não ser, a existência de Deus e de um princípio fundamental de onde tudo derive, estão imbuídas, pela sua natureza intrínseca, de improficuidade, ou seja, não são passíveis de solução no âmbito dos preceitos da razão e do raciocínio lógico. (GONÇALVES, 2007, p. 59)

Mas a ideia de progresso e a finitude do homem não se acompanham nem se enlaçam mutuamente: “toda a ‘realização’ científica significa novas ‘questões’ e quer ser ultrapassada, envelhecer” (WEBER, s. d., p. 12). Todavia, consegue o indivíduo superar a sua finitude quando pensa sobre o sentido da vida, transcendendo-se ao plano superior da sua existência e a uma conceção universal de humanidade. Nessa assunção ontológica, pensa sobre a anterioridade e a possibilidade que, fora de si, o continua. Cada disciplina das ciências humanas é a memória que eterniza esse conseguimento, após a plena manifestação no mundo que o concebeu.

“O problema de uma legitimação do conhecimento das ciências do espírito que recuse para estas o modelo das ciências da natureza torna-se particularmente agudo [...] com Weber” (LOPES, 1994, p. 40), em razão de que, depreendendo-se com as condições particulares da própria existência, reconhece que qualquer enunciado de problematização é condicionado pela imanente irregularidade do objeto de estudo — o homem —, determinado pelo seu devir, cujo processo, de forma infixável e permanente, se perpetua, enquanto acontecimento “Sem um princípio absoluto que possa conhecer, nem um fim que possa determinar” (LOPES, 1994, p. 45), no pensamento. O “conhecimento torna-se



conhecimento da mudança. E dado que a vida se realiza em formas, que por sua vez a anulam fixando o não fixável, a modernidade adquire consciência de um conflito irresolúvel” (LOPES, 1994, p. 45).

5 Conclusão — Deixar de pensar é desumanizar-se

O “desencantamento do mundo” deriva do arruinamento do pensamento crítico, do sonho — princípio sumário da *humanização*. Weber pretende, com o seu *manifesto*, levar o homem a raciocinar sobre aquilo que as evidências acerca da realidade obnubilam. A serenidade aquieta as excedências transbordantes, transgressoras e transtornadoras. Numa sociedade fundada na *Ciência*, em seu tom mais elevado, o autor descodifica, na transparência que lhe é possível, e pela identificação dos sinais modernos que recebe, o situamento do homem, em novidade de se compreender, sem se desfigurar nem claudicar num mundo em crise de valores, aspirando a uma *clareza* sobre si, já que não poderá sopesar a impermanência do que o rodeia. A *clareza* que a evidência veda. Ao indagar, afirma a existência do real, dignificando-o. A partir da constatação, discrimina a evidência e descobre-lhe as múltiplas possibilidades que oculta em suas vestes, fazendo cair o hábito. O que se insurge sob a rendição da aparência trata-se, afinal, da razão que apoia o preconceito. E este é questionado. Lugares dogmáticos, declinações redutoras, estratégias opacas, tudo é questionado. Revelando-se a vida em sua profunda convicção. Chamada a aplicar-se a seu próprio pensamento.

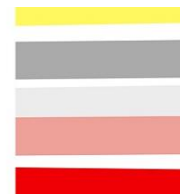
Ao denunciar os objetivos que determinam tanto as ciências exatas quanto as humanas, Weber distingue-as em função da sua onto-fenomenologia. As ciências humanas procuram o sentido de a vida acontecer, e as exatas concretizam-na enquanto atuação do homem no palco que o excede. As humanidades respondem ao que mais nos diferencia — as abstrações que, irresolvidas, muram-nos os reflexos e bloqueiam-nos a capacidade de raciocinar com criatividade sobre as fórmulas essenciais que cada um representa no mundo, equilibrando-se em pontes de papel. Falacioso, tal a medusa de extremidades transparentes.

A nova literatura humanística e a sua leitura [...] servem de testemunho para o facto de que, enquanto houver seres humanos, continuará a existir um interesse pela investigação e pela crítica que tente iluminar problemas humanos. [...] para aqueles pasmados, ou simplesmente

○ que é a vocação da ciência dentro da vida inteira da humanidade?



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



desiludidos, com o estado em que se encontra a academia [...] leiam uma revista!” (POINT, 2018)

Um pequeno burburinho provoca sempre um enorme prurido num universo maior que um sonho. *E assim sucessivamente.*

Referências

CABRAL, M. V.; WALL, K.; ABOIM, S.; SILVA, F. C. da (Eds.). *Itinerários — A investigação nos 25 anos do ICS*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2008.

CAMUS, A. *O mito de Sísifo*. Lisboa: Livros do Brasil, 2016.

GONÇALVES, P. F. Filosofia e actualidade In: LIGEIRO, E. (Dir.). *Revista de artes e ideias*, n.º 9: O mal. Coimbra: Alma Azul, 2007.

HATHERLY, A. *O mestre*. Lisboa: Quimera, 1995.

LOPES, S. R. *A legitimação em literatura*. Lisboa: Edições Cosmos, 1994.

POINT, T. (Eds.). *As novas humanidades. Forma de vida*, trad. Telmo Rodrigues. Disponível em: <formadevida.Org>. Acesso em: 14 jan. 2018.

RIBEIRO, A. S. As humanidades como utopia. *Revista crítica de ciências sociais*, 2002.

SARAIVA, A. J., LOPES, Ó. *História da literatura portuguesa*. 17.^a ed. Porto: Porto Editora, 1996.

TAVARES, G. M. *Uma coisa inteira*. In: Comissão Organizadora Movimentos Perpétuos. *Movimentos perpétuos*. Barcarena: Artemágica, 2004.

WEBER, M. *A ciência como vocação*. Ed. PDF, s. d.

Recebido em: 16 de fevereiro de 2018.

Aprovado em: 18 de março de 2018.